

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E ARTES
LICENCIATURA EM LETRAS-LIBRAS

JULIANDERSON GONÇALVES DE OLIVEIRA

FLIP BOOK EM LIBRAS:
UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II

RIO BRANCO
2022

JULIANDERSON GONÇALVES DE OLIVEIRA

FLIP BOOK EM LIBRAS:
UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II

Proposta de unidade didática como Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Universidade Federal do Acre (UFAC), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras-Libras.

Orientadora: Profa. Dra. Grassinete C. de Albuquerque Oliveira

RIO BRANCO
2022

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

O482f Oliveira, Julianderson Gonçalves de, 1995 -
Flip book em libras: uma proposta didática para o ensino fundamental II /
Julianderson Gonçalves de Oliveira; orientador: Dra. Grassinete C. de
Albuquerque Oliveira. - 2022.
43 f.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do
Acre, Centro de Educação, Letras e Artes, Curso de Licenciatura em Letras:
Libras, Rio Branco, 2022.

Inclui referências bibliográficas e apêndice.

1. Atendimento Educacional Especializado. 2. Formação docente. 3. Surdo.
4. Formação continuada. I. Oliveira, Grassinete C. de Albuquerque
(orientadora). II. Título.

CDD: 419

Bibliotecário: Uéliton Nascimento Torres CRB-11º/1074.

JULIANDERSON GONÇALVES DE OLIVEIRA

FLIP BOOK EM LIBRAS:
UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL II

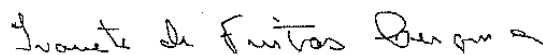
Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras-Libras, no Curso de Licenciatura em Letras-Libras, Universidade Federal do Acre.

Rio Branco, 14 de junho de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Grassinete C. de Albuquerque Oliveira
(Orientadora – Universidade Federal do Acre)



Profa. Dra. Ivanete de Freitas Cerqueira (UFAC)
Examinadora Interna



Prof. Me. Leonardo Neves Correa (UNIMONTES-MG)
Examinador Externo

RIO BRANCO
2022

AGRADECIMENTOS

Aos 13 anos de idade minha mãe, Dalcilene Pereira Gonçalves, muito humilde chega do Seringal Santa Helena, na Estrada de Porto Rico, Bolívia, para trabalhar na casa de uma família, em Rio Branco-AC. Segundo seus relatos, ao final da tarde esperava o ônibus em frente à Universidade Federal do Acre e profetizou que um dia seu filho ali estudaria. Os anjos disseram amém, e hoje estou escrevendo este pequeno texto para agradecer a muitas pessoas.

Em primeiro lugar a Deus, que nunca me abandonou. Aos meus pais, Dalcilene Pereira Gonçalves e Pedro Antônio de Oliveira, pela fé, por me ensinar a ser humilde e pela educação. Meu pai fez de tudo para que eu não largasse meus estudos e inúmeras vezes, mesmo doente, ia trabalhar para garantir o nosso sustento. Minha irmã, Juliana Gonçalves de Oliveira, pelo carinho e atenção.

À minha professora e amiga Léia Ramos. Sem ela, não tiraria a nota que tirei na redação do Enem. Mesmo cansada, sacrificava-se para me ensinar e ao meu primo Valdeley Oliveira. Foi um anjo na minha vida e me ajudou muito.

Agradeço a minha amiga Patrícia Ribeiro e Amarildo Melo, os quais jamais viraram as costas para mim nos momentos difíceis. Agradeço a minha amiga Dilayna Matos, que sempre esteve comigo em todas as situações, com uma palavra consoladora.

Não poderia deixar de agradecer a todos os meus amigos que estudam na minha sala. Por serem muitas amizades que fiz nestes anos, nomeio aqui Nathália Siqueira, Carine Patrício, Hiasmine Lima, no anseio de que todos se sintam abraçados. Aos professores do curso, Alexandre Melo, Ianele Vidal, Israel Queiroz, João Renato, enfim, todos. Nunca esquecerei que nos momentos mais difíceis por quais passei, fizeram um sacolão para mim e para a minha família, impedindo que eu desistisse do curso. Aos intérpretes, Diemes Farias, Alexandre Alves, Bruna Larissa e aos demais, o meu obrigado.

Agradeço a minha orientadora Grassinete Oliveira. Foi Deus quem a colocou em minha vida para nunca mais sair. Uma pessoa maravilhosa que sempre me apoiou e, muitas vezes, ficou até tarde da noite para que eu pudesse enviar minhas anotações. Agradeço à Universidade Federal do Acre – UFAC. Um lugar em que aprendi que ser profissional é ter compromisso social.

*“O ser humano é aquilo que a educação faz dele”
Immanuel Kant*

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo desenvolver uma proposta didática para o ensino de português para surdos no Ensino Fundamental II – 6º ano – como forma de colaborar junto aos docentes com uma rede didática verbo-visual associada com a proposta de ensino bilíngue, a qual tem como princípio fundamental o direito da pessoa surda a uma educação em sua própria língua. Seguindo esse princípio, ao considerar que nos comunicamos por meio de algum gênero discursivo materializado pela língua/linguagem em uso, nas mais diversas práticas sociais (BAKHTIN, 2016), estabelecemos o *flip book* (impresso e virtual) em libras como uma prática de linguagem que, articulado com o gênero discursivo lenda – Kanoê –, contribui para ampliar os repertórios linguísticos, divulga a cultura amazônica e compreende a língua como fenômeno sócio-histórico-cultural, heterogêneo e ligado ao contexto real de uso. Como aporte teórico-metodológico, partimos da discussão de gêneros discursivos proposto pelo Círculo bakhtiniano, de rede didática de Oliveira (2020), de cultura amazônica pautado em Rodrigues (2012) e sobre educação inclusiva para surdos em Quadros (2006), Karnopp (2002), Wei (2000) e Silva *et al.* (2021). Para esse percurso, a proposta didática pretendeu: a) reconhecer os aspectos culturais regionais nos textos literários; b) dialogar em Libras com os colegas sobre os aspectos culturais de outros povos presentes em textos literários; c) identificar a ideia principal e as secundárias do texto, assim como os elementos que compõem o gênero discursivo lenda e, d) como os recursos verbo-visuais (multimodais) podem contribuir para uma ressignificação de ensino-aprendizagem para a comunidade surda. Por fim, esperamos que esta proposta didática auxilie no conhecimento do estudante surdo e o leve a refletir-agir em prol de uma aprendizagem autônoma, multimodal e multimidiática que faz parte do seu cotidiano, dentro e fora da escola.

Palavras-chave: *Flip book* em libras. Proposta didática. Educação Surda.

ABSTRACT

This work aimed to develop a didactic proposal for the teaching of Portuguese for the deaf in Elementary School II – 6th year – as a way of collaborating with teachers with a verbal-visual didactic sequence associated with the proposal of bilingual teaching, which has as a fundamental principle the right of the deaf person to an education in their own language. Following this principle, when considering that we communicate through some discursive genre materialized by the language in use, in the most diverse social practices (BAKHTIN, 2016), we established the flip book (printed and virtual) in Libras as a language practice that, articulated with the discursive genre tale – Kanoê –, contributes to expand the linguistic repertoires, disseminates the Amazonian culture and understands the language as a socio-historical-cultural phenomenon, heterogeneous and linked to the real context of use. Using as a theoretical-methodological contribution, we start from the discussion of discursive genres proposed by the Bakhtinian Circle, from Oliveira's didactic network (2020), from Amazonian culture based on Rodrigues (2012) and on inclusive education for the deaf in Quadros (2006), Karnopp (2002), Wei (2000) and Silva et al. (2021). For this route, the didactic proposal developed intends that the deaf student can: a) recognize the regional cultural aspects in the literary texts; b) dialogue in Libras with colleagues about the cultural aspects of other peoples present in literary texts; c) identify the main and secondary ideas of the text, as well as the elements that make up the discursive genre tale and, d) how the verbal-visual (multimodal) resources can contribute to a re-signification of teaching and learning for the deaf community. Finally, we hope that this didactic proposal helps in the knowledge of the deaf student and leads him to reflect-act in favor of an autonomous, multimodal, and multimedia learning that is part of his daily life, inside and outside school.

Keywords: Flip book in pounds. Didactic proposal. Deaf Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Práticas de Linguagem.....	18
Quadro 2	Dos heróis amazônicos.....	20
Quadro 3	Plano de Aula.....	24
Quadro 4	Relembra a Lenda do Curupira.....	31

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Momento de interação sobre as atividades.....	27
Figura 2	Folclore Amazônico.....	27
Figura 3	A lenda da mandioca.....	28
Figura 4	A lenda da Amazônica: cobra-grande e curupira.....	28
Figura 5	Encontros das Lendas	30
Figura 6	Lenda do Kanoê – <i>Flip book</i>	32
Figura 7	Kanoê: Desastre Ecológico.....	34
Figura 8	Os seres da Amazônia.....	35
Figura 9	Kanoê e a prática transformadora.....	36
Figura 10	Vídeo animado.....	36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EF II	Ensino Fundamental II
Geadel	Grupo de Pesquisa em Análise de Discursos e Ensino de Línguas
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
SD	Sequência Didática
TDICs	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	14
2.1	O papel da linguagem na constituição do sujeito.....	14
2.2	A rede didática como procedimento de aprendizagem.....	15
2.3	Dos gêneros discursivos.....	16
2.4	A literatura amazônica e a lenda do Kanoê.....	18
2.5	Por uma educação bilíngue transformadora.....	22
3	PERCURSO METODOLÓGICO.....	24
3.1	Das atividades propostas.....	26
3.1.1	A rede didática na prática situada.....	26
3.1.1.1	<i>Atividade 1</i>	26
3.1.1.2	<i>Atividade 2</i>	27
3.1.1.3	<i>Atividade 3</i>	28
3.1.1.4	<i>Atividade 4</i>	28
3.1.2	A rede didática e a instrução evidente.....	29
3.1.2.1	<i>Atividade 5</i>	29
3.1.2.2	<i>Atividade 6</i>	29
3.1.2.3	<i>Atividade 7</i>	30
3.1.2.4	<i>Atividade 8</i>	31
3.1.3	A rede didática e a concepção crítica.....	32
3.1.3.1	<i>Atividade 9</i>	32
3.1.3.2	<i>Atividade 10</i>	33
3.1.3.3	<i>Atividade 11</i>	34
3.1.3.4	<i>Atividade 12</i>	34
3.1.4	A rede didática e a prática transformadora.....	35
3.1.4.1	<i>Atividade 13</i>	35
3.1.4.2	<i>Atividade 14</i>	35
3.1.4.3	<i>Atividade 15</i>	36
4	CONCLUSÃO.....	37
	REFERÊNCIAS.....	39
	APÊNDICE.....	41

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve por objetivo desenvolver uma proposta didática para o ensino de português para surdos no Ensino Fundamental II – 6º ano – como forma de colaborar junto aos docentes com uma rede didática articulada com a proposta de ensino bilingue, a qual tem como princípio fundamental o direito da pessoa surda a uma educação em sua própria língua. Com essa perspectiva, a proposta didática buscou articular os eixos norteadores de leitura de textos, prática de produção sinalizada, prática de análise linguística e de produção de textos escritos considerando que a dimensão intercultural deve integrar todas essas etapas, a fim de que o estudante surdo tenha autonomia para dialogar em sua língua, expor sua cultura e fortalecer as identidades surdas em construção (SILVA *et al.*, 2021).

Sabe-se que a linguagem, em suas múltiplas formas, possibilita uma construção social da realidade desenvolvida por meio da interação entre sujeitos sócio-histórico-culturalmente situados. A língua/linguagem, por esse princípio, utiliza de diversos gêneros discursivos para estabelecer diálogos responsivos com *outrem* e articulam diversos recursos semióticos para exprimir dada realidade. Para Bakhtin (2016), a variedade do gênero discursivo é ilimitada, pois ilimitada é a capacidade humana de produzir sentidos e significados às inúmeras práticas sociais e revela que, ao interagirem discursivamente, os sujeitos precisam ter/adquirir repertórios linguísticos para se expressarem, de modo satisfatório, nas mais diversas esferas comunicativas.

A educação institucionalizada é o lugar onde o sujeito pode ampliar o repertório linguístico, cultural, político, dentre outros, desde que seja fornecido instrumentos de aprendizagem que estimulem o aluno a aprender de forma engajada e autônoma. Para este trabalho, a proposta didática apresentada considerou que o gênero discursivo lenda articulado com o *flip book* impresso e virtual, é uma forma de engajar o educando surdo nas práticas de linguagem que envolvem multiletramentos/multimodalidade.

Segundo Rojo e Moura (2012), trabalhar com gêneros discursivos e com os multiletramentos na escola contribui, significativamente, para a aprendizagem do aluno. Isso porque, o ensino e as tecnologias de comunicação e informação, partem das culturas de referências do educando – popular, local, comunidade - com os gêneros, as mídias e as linguagens por eles conhecidos, para buscar “um enfoque

crítico, pluralista, ético e democrático que envolva agência de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos, valorizados e/ou desvalorizados (ROJO; MOURA, 2012, p. 8). Além disso, nas palavras dos autores,

[...] trabalhar com os multiletramentos partindo das culturas de referência do alunado implica a imersão em letramentos críticos que requerem análise, critérios, conceitos, uma metalinguagem, para chegar a propostas de produção transformada, redesenhada, que implicam agência por parte do alunado (ROJO; MOURA, 2012, p. 8).

Foi com esse propósito que desenvolvemos uma proposta didática para alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II, com o gênero discursivo lenda do Kanoê. Primeiro, por estarmos partindo de uma cultura de referência própria da região norte do Brasil, já que, enquanto narrativa oral-escrita, a lenda do Kanoê - pouco conhecida por muitos amazônicos - é vivenciada por pessoas de modo visual, que são passadas pela oralidade, em forma de relatos subjetivos e com estórias heroicas, em que real e fantástico se misturam, ficando difícil saber onde começa a verdade e a fantasia (APOLINÁRIO, 2015). Segundo, entendemos que a literatura, enquanto campo do conhecimento, parte de fatos para a construção da obra, para atribuir sentidos e serem interpretados de forma pessoal e, de algum modo, acaba por relacionar-se e tornar-se parte das vivências de uma comunidade.

Terceiro, porque por meio da leitura do português, Silva *et al.* (2021) consideram que o estudante surdo nos anos finais do Ensino Fundamental II, podem acessar conhecimentos para aprofundar as competências construídas e expandir seus repertórios, incentivando a autonomia, com o intuito de levar o estudante surdo a conhecer as *literacias* multimodais e multimidiática que fazem parte do seu cotidiano. Quarto, utilizamos do instrumento *flip book*, por ser um livro pequeno que, quando folheado rapidamente com o polegar, cria-se um curto desenho animado (MALAMAN, 2020) que conta uma história organizada com variados recursos semióticos, capaz de levar o aluno a reflexão e a organização do texto. Assim, o ensino vai para além da aprendizagem meramente escrita e transformando-se em ler e escrever para compreender e aprender o que for relevante para o desenvolvimento e a realização do projeto de atividade (KLEIMAN, 2000).

Por último, por acreditarmos que os letramentos estão presentes no cotidiano social dos indivíduos, mas, nem todos têm o acesso a determinados eventos, o que evidencia a desigualdade social (ROJO, 2009), é de suma importância articular

questões de ensino-aprendizagem que envolvam os alunos surdos nas inúmeras práticas sociais.

Por todo esse contexto, este trabalho apresenta, em sua primeira seção, Pressupostos teóricos, o que entendemos ser o papel da linguagem na constituição do sujeito, da rede didática como procedimento de aprendizagem por meio de um gênero discursivo. Dedicamos uma subseção que trata sobre a literatura amazônica, com foco na lenda do Kanoê em Libras, já que buscamos uma educação bilíngue transformadora. A seção seguinte apresenta a descrição da atividade, considerando os elementos dos multiletramentos, ou seja, partimos da prática situada rumo a uma prática transformadora, utilizando o *flip book* em libras, como uma ressignificação da aprendizagem. Por fim, apresentamos nossas conclusões.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Abrimos o capítulo teórico refletindo sobre o papel da linguagem no diálogo humano. Um diálogo que, segundo Bakhtin (2016) constitui o sujeito por meio dos mais diversos gêneros discursivo ao longo de sua existência. Para o filósofo da linguagem humana, dispomos de um rico repertório de gêneros de discurso orais, escritos e acrescentamos multimodais, os quais empregamos em termos prático, de forma segura e habilidosa, mas, em termos teóricos, podemos não conhecê-los adequadamente. Essa linguagem que, por meio de enunciados concretos reflete e refrata a realidade humana, é abordado neste capítulo como forma de confirmar o que foi argumentado por Bakhtin (2016), isto é, quanto mais dominamos os gêneros discursivos, maior será o nosso desenvolvimento ao empregá-los nas mais diversas esferas da comunicação humana.

2.1 O papel da linguagem na constituição do sujeito

De acordo com Souza (2012), a linguagem é um instrumento natural responsável pela comunicação humana desde o processo de evolução da espécie e, por estar em todos os lugares, pode ser utilizada de diversas formas, a depender da situação comunicativa. Para entendermos um pouco sobre a linguagem e o seu desenvolvimento, é necessário compreendermos que ela é um conjunto de símbolos que se juntam para dar sentido a algo e, por meio da interação social, as diferentes linguagens relacionam o sujeito com o mundo.

O nosso entendimento sobre linguagem, baseado em Faraco (2010), não reduz a língua/linguagem como um conjunto de regras (gramática), um monumento (expressões consideradas corretas) ou um instrumento de comunicação e expressão (usadas em certas circunstâncias). A linguagem é aberta, fluida, articulada em múltiplas práticas sociais, as quais os sujeitos sócio-histórico e culturalmente situados interagem utilizando dos recursos da oralidade, da escrita, das múltiplas semioses para se comunicarem.

Por nos comunicarmos pelas múltiplas linguagens que circulam na sociedade, percebemos, seguindo os pressupostos de Volóchinov (2018), o papel produtivo e a natureza social do enunciado são concretizadas por sujeitos que se expressam pela palavra. Isso nos mostra a necessidade de evidenciar a relevância social da

linguagem em todos os aspectos em que o ser humano faz uso para produzir sentidos e significados, seja no aspecto verbal, oral, sinalizado, visual, imagético, seja articulando os diversos recursos semióticos, isso porque “a palavra está presente em todo ato de compreensão e em todo ato de interpretação” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 101).

Por esta perspectiva, ao propor questões e ensino-aprendizagem articulando os diversos recursos semióticos, pode-se contribuir para o sujeito compreender o jogo de sentidos que são empregados no texto e se apropriar do conhecimento de modo mais crítico e efetivo. Rojo e Barbosa (2015) afirmam que não há como negar a mudança no mundo nas últimas décadas e não apenas em decorrência das novas tecnologias digitais da informação e comunicação (doravante, TDICs), importantíssimo auxílio, também surgiram “novas formas de ser, de se comportar, de discursar, de se relacionar, de se informar e de aprender. Para as autoras, esses novos tempos solicitam uma “nova educação” que vislumbrem as novas tecnologias, os novos textos e as novas linguagens.

Para esta proposta didática, desenvolvemos as atividades pensando no *flip book em libras* do gênero discursivo lenda – Kanoê – articulado com o texto escrito e digital, de modo que as linguagens se misturem em um mesmo artefato, que “continuamos a chamar de texto, agora adjetivado como multissemiótico ou multimodal” (ROJO; MOURA, 2019, p. 11). O texto, em suas diversas facetas e linguagens, tem mais do que apenas o signo escrito. O *flip book* em libras utiliza do recurso visual e imagético para narrar a lenda e, assim como enfatizado por Rojo e Moura (2019), essas modalidades de linguagens ou semioses se mesclam, se misturam sem nenhum problema. A próxima seção, vai delinear a rede didática.

2.2 A rede didática como procedimento de aprendizagem

Oliveira (2020) propõe a rede didática como procedimento de aprendizagem a partir da sequência didática desenvolvida por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) ao argumentarem ser possível ensinar estudantes a escrever textos e a exprimir-se oralmente em situações públicas escolares e extraescolares ao considerar um conjunto de atividades escolares, organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero discursivo, oral ou escrito.

Destaca, também, não ser possível pensar em sequência didática nos mesmos moldes que foram desenvolvidas para estudantes suíços, até porque as condições educativas, econômicas, sociais, culturais, dentre outras, divergem significativamente no contexto brasileiro. Apoiada em Costa-Hübes e Simioni (2014) assevera que no sistema brasileiro de educação há apenas a disciplina de Língua Portuguesa para trabalhar com oralidade, leitura, produção escrita, análise linguística e reescrita do texto, o que torna o trabalho com a SD complexo, mas não impossível.

A rede didática, segundo Oliveira (2020), é um procedimento de atividades aberto, flexível, organizado em torno de um gênero discursivo. As oficinas propostas envolvem os multiletramentos e observam aspectos voltados para o contexto de produção, para a esfera de circulação, para a finalidade discursiva, para os interlocutores envolvidos no momento da enunciação, para o suporte, para a multimodalidade envolvida, dentre outros aspectos que auxiliam na elaboração, na produção e na apresentação da rede didática.

Como o nosso objetivo é desenvolver uma proposta didática do gênero lenda a partir do *flip book em libras* – inclusive digital – a rede didática, por estar orientada nos multiletramentos, cria condições para que os participantes sejam os “*designers* do conhecimento, que interajam, reflitam e, na análise do percurso, manifestem uma produção final com base na aprendizagem consolidada” (OLIVEIRA, 2020, p. 90). O nosso objetivo é, com isso, promover uma rede de saberes, em que surdos e ouvintes sejam os “*lautores*” (ROJO; MOURA, 2013, p. 20) de sua própria aprendizagem. A seguir, tratamos dos gêneros discursivos.

2.3 Dos gêneros discursivos

Ao concordarmos com Bakhtin (2016) ao argumentar que todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem e, sendo ela, multiforme já que as atividades humanas também o são, o emprego da língua efetua-se em formas de enunciados – orais, escritos, multimodais – concretos e únicos com objetivos específicos a depender do lugar em que se encontra o sujeito.

Para nossa proposta didática, o conceito bakhtiniano é fundamental por compreendermos que os enunciados proferidos se organizam não somente pelo conteúdo temático, estilo e forma composicional, como também pelas formas arquitetônicas do gênero do discurso que estão sempre relacionados com as


condições concretas de vida, pelas interdependências, pelas posições ideológicas em que se encontram o falante.

Como o gênero discursivo escolhido é a lenda e, pautados em Bakhtin (2016, p. 38), de que falamos através de certos gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados têm formas relativamente estáveis e típicas de construção do conjunto, dispomos de rico repertório de gêneros do discurso orais e escritos, acrescentamos multimodais que, de modo prático, empregamos de forma segura e habilidosa, mas em *termos teóricos* (idem, ibidem – grifo do autor) podemos desconhecer totalmente sua existência.

Para nós significa mais do que conhecer suas características que o definem como gênero discursivo lenda. É preciso entendê-lo como artefato cultural, que atua no imaginário humano com propósito e intencionalidade discursiva. Os gêneros do discurso se organizam em nossos discursos quase da mesma forma que se organizam as formas gramaticais, isto é, aprendemos a moldar os nossos discursos em formas de gêneros e, quando ouvimos o discurso do outro, conseguimos identificar qual o gênero está sendo falado, pela entonação, escolhas de palavras, construção composicional, dentre outros.

Por esta situação e, amparados em Silva *et al.* (2021), ensinar português para alunos surdos é fundamental para ampliar o domínio que eles já possuem das práticas de linguagem e, no ensino da língua materna, é preciso criar as condições necessárias para que esse domínio se amplie e se cristalice. As autoras salientam a relevância de propor atividades que favoreçam uma educação intercultural e bilingue de qualidade e, para isso, a proposta didática tem de ser flexível e atender ao aluno de maneira que ele tenha uma participação ativa, significativa e crítica no processo de ensino-aprendizagem. No que concerne às práticas de linguagem: leitura visual, as autoras propõem o seguinte quadro:

Quadro 1 - Práticas de Linguagem

 PRÁTICAS DE LINGUAGEM: LEITURA VISUAL				
COMPETÊNCIAS GERAIS	HABILIDADES	OBJETOS DE CONHECIMENTO	GÊNEROS TEXTUAIS	UNIDADES TEMÁTICAS
Compreender textos escritos multissemióticos (imagem e escrita) que circulam em diferentes campos de atuação e suportes	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver estratégias de leitura. - Relacionar os recursos visuais (imagens) ao tema do texto. - Discutir em Libras, com os colegas, sobre o que já viu ou teve experiência em relação ao tema do texto lido. - Explicar em Libras o que leu em português escrito. - Responder, em Libras, questões de compreensão textual propostas pelo professor. - Destacar as ideias principais do texto lido. - Localizar informações explícitas no texto - Localizar informações implícitas no texto. - Relacionar as partes do texto. - Identificar a intencionalidade e para quem é destinado o texto. 	<ul style="list-style-type: none"> - Estratégias de leitura. - Compreensão textual. 	<ul style="list-style-type: none"> -Bilhete -Carta -Contos -E-mail -Fábula -Histórias em quadrinhos (HQ) -Lenda -Manchetes de jornais -Notícia 	A leitura como prática cotidiana

Fonte: Extraído do Caderno III – Ensino Fundamental (Anos Finais)¹

Vemos, pelo que estamos apresentando, que a proposta didática somente será realmente significativa para o aluno surdo se esta estiver associada a um gênero discursivo envolvido com as práticas sociais. Além disso, a rede didática por envolver os recursos multissemióticos colabora para outros possíveis caminhos, sempre considerando a linguagem como o eixo central para o domínio do gênero estudado. A próxima seção apresenta a literatura amazônica com foco na lenda do Kanoê.

2.4 A literatura amazônica e a lenda do Kanoê

A literatura constrói sentidos ideológicos relacionados com os contextos sociais aos quais o ser humano se encontra inserido. Apolinário (2015) destaca que existem diversas definições e tipos de literatura, que pode ser uma arte, uma profissão, um conjunto de produções, dentre outros. As definições refletem o contexto social e estabelece concepções diante das subjetividades dos leitores.

¹ Este quadro se encontra na Proposta Curricular para o Ensino de Português Escrito como Segunda Língua para Estudantes Surdos da Educação Básica e do Ensino Superior: caderno III – ensino fundamental (anos finais). Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/mec-lanca-proposta-de-curriculo-para-o-ensino-de-portugues-escrito-como-segunda-lingua-para-estudantes-surdos>. Acesso: 10 maio 2022.

Para o nosso foco, destacamos a literatura regional que, segundo Apolinário (2015 *apud* Ramos, 2011), surgiu no final do séc. XIX, cujas obras relacionavam-se com o mundo rural, visto em dados momentos como algo ultrapassado, ora, em outros, sendo defendida como literatura popular e como literatura pitoresca. Inclusive nos dicionários, umas das acepções é de se tratar como algo mais simples e modesto, que parte de determinada comunidade e de região.

A literatura regionalista, com o passar do tempo, passou a valorizar a paisagem e os aspectos humanos e sociais como sendo o símbolo das obras. De acordo com Apolinário (2015, p. 3), em termos de formação do sistema literário, o regionalismo exerceu um papel fundamental, contribuindo para a definição do que seria específico da literatura brasileira em seu processo formativo, de tal forma que as primeiras manifestações literárias no Brasil “caracterizaram-se como escrita regional, pois descrevia a fauna e a flora brasileiras, os povos e costumes, um paraíso rico e catequisado, ligados aos moldes europeus”. Segundo o autor,

Um dos primeiros retratos da literatura regional foi o índio, que não era retratado mais como um selvagem e sim como um herói nacional, valorizando a identidade regional cultural brasileira, as descrições ocorridas em determinado tempo, espaço e tudo que se produz em determinado local, retrata a realidade do meio social às quais as pessoas então inseridas, agregando como fonte de informação para entender a concepção de mundo de acordo com suas regiões. (APOLINÁRIO, 2015, p. 3).

Interessante notar a virada na literatura regional ao retratar o índio brasileiro com o mito do bom selvagem para o herói nacional, fato este que se encontra presente na lenda do Kanoê. Pode-se considerar que os textos regionais possuem narrativas sociais de determinada região e estabelecem identidade cultural, que são repassados ou recriados, pela oralidade, por pessoas que ouviram os relatos. Não se pode negar que a literatura regional exerce papel preponderante para compreendermos como determinados fatos e acontecimentos ocorreram e como se relacionam com a contemporaneidade.

Na Amazônia, por exemplo, as lendas são muito populares. Como gênero discursivo, a lenda é uma narrativa oral e/ou escrita, vivenciada pelas pessoas de modo visual, mas são passadas pela oralidade de forma bastante subjetiva. Tem caráter maravilhoso, pois são estórias heroicas, em que real e fantástico se misturam, ficando difícil entender onde está a realidade e onde é ficção.

Apolinário (2015) ressalta que devemos considerar que as lendas não significam mentiras e nem verdades absolutas. É uma estória, um documento, um retrato da comunidade e fazem parte da construção dos hábitos sociais, dos comportamentos das pessoas, das culturas desenvolvidas na comunidade. Ainda segundo o autor embasado em Pierre (2005, p. 16), as lendas fundamentam-se em fatos reais, mas o narrador altera a verdade a fim de prová-la. Nas lendas amazônicas os heróis são seres habitantes da mata, dos rios e se fundem com características de homens e animais. Segundo Apolinário (2015, p. 4), “esses personagens tornam-se divinos com ações sobrenaturais que estão em sintonia com elementos do mundo as quais rodeiam como o sol, a lua, os animais, os sons a criação de palavras mágicas e de ritos, o folclore da região”.

Por todo esse contexto, é através da mitologia indígena que as lendas explicam a origem dos protetores da natureza, que serve como alerta para a preservação da floresta e dos animais. Esse envolvimento homem, animais e natureza deram forma e vida ao herói Kanoê, um índio que, treinado por Curupira, lara, Boto e o Caipora, tem como missão proteger a floresta. Abaixo, apresentamos o quadro com breve relato das lendas de Curupira, da lara, do Boto e do Caipora e, por último, apresentamos o Kanoê.

Quadro 2 - Dos heróis amazônicos

Lendas Amazônicas	
Curupira	É um ser mitológico da floresta amazônica o qual possui cabelos vermelhos e os dois pés virados para trás para despistar todo aquele que tentar encontrá-lo. Elias Gustavo diz que, o curupira possui a habilidade de transformasse nos animais das florestas utilizando suas habilidades para castigar pessoas que ousarem matar diversos animais apenas por diversão. Os índios mais experientes ao entrarem na mata sempre levam presentes para o Curupira.
lara	Homem peixe chamado Ipupiara, o qual transformasse na forma de mulher peixe para atrair suas vítimas e devorá-las. Machado (1987, p. 35), diz que a lara é uma bela mulher que habita em lagos, igarapés e rios da Amazônia em um reino encantado em baixo d'água emergindo quando o ambiente está harmonioso e calmo. O nome lara é de origem indígena e o seu significado é (aquela que mora na água).

Continua.

Quadro 2 - Dos heróis amazônicos

Continuação.

Lendas Amazônicas	
Boto	O boto é um mamífero que vive nos rios da Amazônia, é um ser encantado. Muitos ribeirinhos dizem que o boto cor-de-rosa é malvado, já o de cor preta ajuda as pessoas, principalmente dentro dos rios, para não morrerem afogados. Os contos das pessoas que vivem às margens do rio é que o boto se transforma em um homem bonito. Para Machado (1987, p.29) essa metamorfose ocorre, de preferência, nas noites enluaradas, passeando na vizinhança das barracas ribeirinhas, em busca de romances, ou comparecendo às festa dançantes para exibir as suas qualidades de exímio dançarino; usa terno branco e chapéu na cabeça, que nas noites de festas ribeirinhas bebe cachaça, e encanta as mulheres, levando-as para o fundo do rio e engravidando-as, logo trazendo para a superfície. Tornando os filhos das moças órfãos de pai, sem dúvida ele é responsável pela gravidez de muitas donzelas nas noites de festanças.
Caipora	Seu nome verdadeiro é caiçara, porém os índios e jesuítas se referem a ele como mãe da mata a protetora dos animais. Assim como o Curupira, o Caipora possui os dois pés virados para trás e sua função na floresta é proteger os animais das injustiças praticadas pelos homens. Segundo relatos, o Caipora é um ser da altura das árvores com aparência de homem e corpo coberto de pelos, possui a capacidade de emitir gritos e imitar a voz humana dentro da mata; os índios referem-se a esses seres como demônios da floresta.

Fonte: Elaborado pelo autor*

Kanoê significa “os que vieram da água, do barro”. Inspirada no folclore amazônico, possui o mesmo nome da tribo indígena Kanoê, localizada no sul de Rondônia, no vale do Guaporé, na fronteira com a Bolívia. Kanoê é um índio que foi escolhido e treinado desde cedo pelos seres da floresta, Curupira, lara, Boto e o Caipora e, quando necessário, utiliza de poderes sobrenaturais para combater aqueles que não respeitam as regras da floresta. Por ser um herói amazônico, ele reúne os poderes dos entes lendários da floresta, como do Curupira que, com suas traquinagens com os caçadores, faz com que se percam na mata. Do Boto, transforma-se em algo belo e seduz os aventureiros. Com o canto apaixonante da lara, domina todos os malfeitores e os leva para um encontro com as águas. Kanoê utiliza do poder do protetor da selva Caipora e transforma-se em vários animais para punir os caçadores que não respeitam as regras da floresta amazônica.

Importante notar que a lenda do Kanoê, assim como dos demais entes amazônicos, tem como proposta principal defender os interesses ecológicos, da fauna, flora, dos rios e dos animais, sendo que a maior lição está na preservação da natureza, do ambiente. Ao fazer uso das lendas e dos mitos indígenas para criar um herói que sirva de inspiração no combate à caça dos animais, à derrubada ilegal da madeira, à exploração dos minérios da Amazônia, espera-se uma preservação da história cultural da Região Norte e, principalmente, da natureza amazônica. Dito isso,

proporcionar espaços de ensino-aprendizagem que envolvam as lendas amazônicas contribui para um olhar crítico voltado para a preservação do meio ambiente e da preservação da cultura local, além de ultrapassar as fronteiras para torná-la global. A seção seguinte discute a educação bilíngue transformadora.

2.5 Por uma educação bilíngue transformadora

Segundo Silva (2022) para entender melhor a educação para surdos, faz-se necessário compreender o significado do termo bilíngue neste contexto. Por ser um termo amplamente associado ao sujeito que usa duas línguas, em um ambiente escolar inclusivo, trata-se muito mais do que alfabetizar e ler através do uso das Libras e do Português. Para Silva (2022), é preciso compreender como professores atuam em escolas bilíngues e inclusivas. Para os estudantes surdos, a oferta de educação bilíngue – Libras e Português – é de suma importância, mas, é necessário aprimorar as abordagens e métodos de ensino entre ouvintes e surdos.

Fato é que em 2021, após décadas e décadas de muita persistência na busca da educação inclusiva e que considerasse a Libras como primeira língua dos surdos, foi aprovada a Lei 14.191 que, por sua vez, reconhece a educação bilíngue como sendo oferecida em Libras, tendo seu início na educação infantil e estendendo-se ao longo da vida. Essa lei sancionada pelo presidente Jair Bolsonaro, inclui a educação bilíngue de surdos como modalidade dentro da LDB. Ela surgiu devido à grande necessidade que havia dentro da própria LDB 9394/96 de haver algo específico e voltado para o ensino de pessoas com surdez.

Em virtude disso, fica prescrito que a educação bilíngue deve ser disponibilizada desde o ensino infantil, onde o aluno escolherá o local que pretende estudar, sendo todos os educandos dessa modalidade educacional pessoas surdas, com superdotação ou com algum tipo de deficiência. Deve-se haver a oferta de materiais didáticos e formação de profissionais responsáveis para ministrar aulas para esse público. Com isso, o profissional precisa ter formação de nível superior nessa área de ensino, atendendo todas as necessidades linguísticas dos estudantes.

A educação Bilíngue agora faz parte da LDB, portanto deve ser cumprida, por isso para que seja colocada em prática no sistema educacional brasileiro precisamos de políticas públicas efetivas e contínuas de formação de formadores, contratação de intérpretes, material audiovisual, dentre outros que são procedimentos necessários

para uma educação bilíngue. O próximo capítulo vai apresentar o percurso metodológico da proposta didática.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Ao falarmos de linguagem como eixo central para nossa proposta didática, neste capítulo apresentamos a nossa proposta didática de ensino de lenda para alunos surdos do 6º ano do Ensino Fundamental, por meio do gênero discursivo Lenda do Kanoê, materializado pelo *flip book*, um instrumento de aprendizagem pouco estudado e que pode auxiliar nas questões de ensino-aprendizagem. Ademais, o plano de aula apresentado se encontra de acordo com as orientações da Proposta Curricular para o Ensino de Português Escrito como Segunda Língua para Estudantes Surdos da Educação Básica e do Ensino Superior: caderno III – ensino fundamental (anos finais), apresentada na Seção 2.3.

Quadro 3 – Plano de Aula

PLANO DE AULA			
DATA: ____/junho/2022	TURMA: 6º ano EF - II	COMPONENTE CURRICULAR Língua Portuguesa	CARGA HORÁRIA 10h
TÍTULO O imaginário social: A lenda amazônica Kanoê		UNIDADE TEMÁTICA A leitura como prática cotidiana	
Professor: Julianderson Gonçalves de Oliveira			
Objeto do Conhecimento: Gênero Discursivo Lenda do Kanoê			
Habilidades: - Desenvolver estratégias de leitura. - Relacionar os recursos visuais (imagens) ao tema do texto. - Discutir em Libras, com os colegas, sobre o que já viu ou teve experiência em relação ao tema do texto lido.			
Objetivo Geral: - Proporcionar aos estudantes surdos possibilidades de apresentar seu ponto de vista em relação ao objeto de estudo de modo a produzir significações acerca das lendas, em especial, Kanoê.			
Objetivos Específicos: - Conhecer o gênero discursivo lenda e sua relevância para a constituição cultural da sociedade. - Identificar os elementos organizacionais e estruturais das lendas e sua finalidade para o ensino de português para surdos. - Analisar como o gênero lenda desenvolvido no <i>flip book</i> contribui para o ensino-aprendizagem entre surdos e ouvintes. - Refletir como os recursos multissemióticos contribui para desenvolver novas formas de leitura, de escrita, compreensão e interação entre alunos surdos e ouvintes.			

Continua.

Quadro 3 – Plano de Aula

Continuação.

PLANO DE AULA	
<p>Procedimentos Metodológicos: <i>As aulas ocorrerão na modalidade híbrida, divididos em 5 encontros de 100min presencial e 2 encontros virtuais para contemplar o conteúdo trabalhado. Presencialmente, por meio da rede didática, elaboraremos oficinas que visem a compreensão e a interpretação do gênero lenda. Para isso, no primeiro encontro, pela prática situada, interagiremos em libras sobre as lendas e perguntaremos o que sabem sobre o gênero, se conhecem alguma lenda. Em seguida, explicaremos que são narrativas transmitidas oralmente com a finalidade de explicar os acontecimentos misteriosos e/ou sobrenaturais e se essa tradição foi passada por quem (alguém da família, conhecido, amigo? e por quê? Se conheceram a lenda na forma oral, escrita e/ou multimodal (em outras mídias) e se conseguem saber a diferença entre elas? Como atividade para o encontro seguinte, pediremos que narrem em libras alguma lenda amazônica para ser compartilhada em sala com os demais colegas de classe. Os alunos podem usar o recurso que quiserem (imagem, escrito, vídeo legendado, entre outros).</i></p> <p><i>No segundo encontro, os alunos apresentam as lendas que ouviram em casa e, por meio das libras, estabelecem o diálogo com os demais colegas a fim de identificarem quais são as lendas que estão sendo contadas. O professor, nesse momento, apresenta a lenda do Kanoê – flip book – para os alunos e indaga se eles conseguem perceber alguma semelhança entre elas, assim como suas diferenças. Pede para os alunos anotarem o que forem encontrando como respostas. Ao explicar o gênero lenda do Kanoê, o professor pergunta aos alunos se conseguem identificar e/ou relacionar aspectos relacionados à cultura e à identidade do povo amazônico e como isso aparece no flip book. Para casa, o professor pede aos alunos que façam o registro escrito do que conseguiram identificar de semelhança e de diferença entre as lendas e como elas podem se relacionar com a lenda do Kanoê.</i></p> <p><i>O terceiro encontro, a rede didática articula-se com a instrução explícita, mediante o registro escrito, o professor passa a pedir que identifiquem os elementos da narrativa: Quem? O quê? quando? Onde? Como? Por quê? e como esses elementos contribuem para a construção da lenda. Pergunta se verificaram que a lenda do Kanoê agrega outras lendas amazônicas – Curupira, Iara, Boto, Caipora – e pergunta qual seria a diferença que perceberam? Como a lenda do Kanoê foi apresentada em flip book, o professor pergunta o que acharam dessa forma de apresentação e se conseguem verificar como o flip book “conta” a lenda do Kanoê. Quais modos semióticos fazem parte (escrita, cores, imagens, movimento) para a narrativa da lenda. Como atividade de casa, o professor pede que formem grupos, organizem o material para, no encontro seguinte, desenvolverem o próprio flip book.</i></p> <p><i>A rede didática do quarto encontro é para a concepção crítica do gênero lenda desenvolvido no flip book. Os alunos, colaborativamente, passam a reconstruir a história do Kanoê, compreendendo que o gênero lenda é uma história fictícia com início, meio e fim, que tem personagens e lugares reais, sendo que ao misturar realidade e fantasia há o resgate da cultura, da tradição de um povo, fatos importantes e necessários para a preservação da identidade cultural da Amazônia.</i></p> <p><i>No quinto encontro, a rede didática busca a prática transformadora, ou seja, haverá a apresentação dos flip book desenvolvidos pelos alunos – na forma de desenho animado e/ou na forma virtual. Ao final, haverá uma breve discussão sobre como a linguagem oral, escrita e multimodal do gênero lenda amplia o repertório dos alunos, permite que reconheçam o gênero discursivo, promove a agência do aluno e contribui para o ensino de português para surdos.</i></p> <p><i>Obs.: os encontros virtuais acontecem na organização do flip book e das atividades propostas para serem desenvolvidas em casa e com os colegas.</i></p>	
<p>Recursos Didáticos: <i>Estudo dirigido do gênero lenda; uso do caderno para registros, uso do telefone para o flip book virtual, atividades individuais e em grupo, apresentação de vídeos.</i></p>	<p>Avaliação: <i>Acontecerá de modo processual, ao longo das atividades produzidas. Da prática situada quando ele traz a lenda amazônica para discussão em sala e culmina com a prática transformadora, no momento que o grupo compreende a relevância de estudar lenda e desenvolve o próprio flip book.</i></p>
<p>Observações: <i>Espaço para as revisitas às redes didáticas desenvolvidas ao longo das aulas.</i></p>	

Fonte: Elaborado pelo autor*

3.1 Das atividades propostas

Partimos agora para a apresentação do percurso da rede didática desenvolvida a partir do gênero lenda do Kanoê articulada com o instrumento de aprendizagem *flip book*.

3.1.1 A rede didática na prática situada

Ao considerarmos que vivemos em época de multiletramentos, onde a diversidade de linguagens, culturas e mídias articulam significados e trabalham juntas nas diferentes esferas da comunicação humana, cabe à escola construir uma rede didática organizadas pela multimodalidade para promover repertórios linguísticos dos educandos. A prática situada articulada com determinado conteúdo acontece com o trabalho de práticas significativas, motivadoras para os educandos e estes devem identificar as necessidades identitárias, socioculturais da atividade proposta. Nesse sentido, o gênero é apresentado de modo a promover a reflexão sobre o que eles conhecem sobre as lendas amazônicas e como elas agem no imaginário dos educandos. Ademais, falaremos sobre a lenda enquanto ficção e realidade, que faz parte da cultura popular, do folclore do povo amazônico. Na primeira oficina, do primeiro encontro, apresentar as seguintes atividades:

3.1.1.1 Atividade 1

Em roda de conversa, perguntar aos alunos o que sabem sobre o gênero lenda. Como elas são contadas? Qual o tipo de narrativa? Como essa tradição foi passada? Por quem? Por quê? Se sabem alguma lenda, pedir para contarem. Perguntar se conhecem essas lendas por outros suportes, como vídeos, TV, filmes, livros, desenhos, dentre outros.

Figura 1 - Momento de interação sobre as atividades



Fonte: Elaborado pelo autor

3.1.1.2 Atividade 2

Mostrar uma imagem do folclore amazônico e perguntar o que estão vendo em Libras?

Figura 2 - Folclore Amazônico



Fonte: Portal da Amazônia

- Como eles souberam dessas lendas?
- Qual será a finalidade dessas lendas?
- Existe lendas em outras partes do Brasil ou somente na Amazônia?

Justifique.

3.1.1.3 Atividade 3

Exibir o vídeo **A lenda da mandioca** e explorar como foi contada.



Fonte: Histórias em Libras - A lenda da Mandioca

- Como ela foi apresentada?
- Como a narrativa é contada?
- Quais recursos foram utilizados?
- Como o vídeo se apresenta?
- Quais recursos multimodais foram usados para apresentar a lenda?

3.1.1.4 Atividade 4

Em sequência, apresente novo vídeo Lendas da Amazônia: cobra-grande e curupira e, em seguida explora o vídeo, a fim de perceber se os alunos percebem as diferenças entre os vídeos.

Figura 4 - A lenda da Amazônica: cobra-grande e curupira



Fonte: Lendas da Amazônia: cobra-grande e curupira

- a) Agora, o vídeo Lendas da Amazônia: cobra-grande e curupira são apresentados de que forma?
- b) Os dois são vídeos que tratam sobre lendas da Amazônia, mas quais são as diferenças percebidas?
- c) Em que situações eles são semelhantes?
- d) Você considera que ele é multimodal? Por que e como?
- e) Na sua opinião, por que os adultos apresentam algumas informações diferentes? Como pode ser considerado lenda?



Perguntar de algum familiar, amigo e/ou pesquisar alguma lenda amazônica para ser compartilhada na classe com os colegas.

3.1.2 A rede didática e a instrução evidente

Pela pedagogia dos multiletramentos, a instrução evidente destina-se à parte realizada pelo professor, baseada na fundamentação teórico-prática e nos objetivos propostos para a apresentação do conteúdo. A colaboração é extremamente valorizada entre os participantes da aprendizagem, de modo que o educador (ou o par mais experiente) auxilie o educando a realizar as tarefas mais complexas.

3.1.2.1 Atividade 5

Retomar a aula anterior e perguntar o que ficou entendido e, em seguida, pedir para contarem como foi a pesquisa sobre a lenda amazônica. Houve ajuda? Quem? Como?

3.1.2.2 Atividade 6

Diante das falas dos educandos, pedir que falem das lendas em libras.

Figura 5 - Encontros das Lendas



Fonte: Turma do Folclore

Depois verificar como as lendas narradas por eles se relacionam entre si e com os vídeos apresentados na aula anterior. Considerar os elementos da narrativa: *Quem? O quê? quando? Onde? Como? Por quê?* e como contribuem para a construção da lenda. Pergunta se verificaram que a lenda do Kanoê agrega outras lendas amazônica – *Curupira, Iara, Boto, Caipora* – e perguntar qual seria a diferença que perceberam?

3.1.2.3 Atividade 7

Realizar a leitura da lenda do Curupira e marcar, no texto, como está organizada a narrativa: título? Do que trata? Quem é o personagem? Como está dividido os parágrafos? Como inicia a lenda? Como é o desenvolvimento e como se dá o desfecho?

Quadro 4 - Relembra a Lenda do Curupira

DIA DO FOLCLORE NACIONAL: RELEMBRE A LENDA DO CURUPIRA

Fonte: Tenor

Diz a lenda que Curupira é um anão forte e ágil, de cabelos ruivos, pés virados para trás e muito travesso.

A principal característica desse personagem do folclore brasileiro são suas pegadas invertidas, usadas para confundir os caçadores que tentam capturar-lo. Conhecido como protetor das florestas, Curupira utiliza sua inteligência para pregar peças nos invasores das matas, que aparecem para causar danos à natureza.

Muitos desses invasores nunca mais conseguem retornar para suas casas, por conta dos truques de Curupira, que fazem com que não encontrem a saída da floresta.

Outra das características do anão é sua curiosidade. A lenda diz que muitos caçadores fazem um novelo com cipó e escondem bem a ponta. Curioso ao extremo, Curupira fica entretido com o novelo e o caçador consegue fugir.

Além disso, a criatura tem o hábito de beber pinga e fumar. Por isso, até hoje, quando vão à floresta, muitos caçadores levam um maço de cigarros e uma garrafa de pinga para oferecer ao Curupira e, assim, não serem surpreendidos com nenhuma travessura.

Postado por Vox Brasil Comunicação. Disponível em: <https://energiachapeco.com.br/noticias/dia-do-folclore-nacional-relembra-a-lenda-do-curupira/>. Acesso: 20 mai. 2022

3.1.2.4 Atividade 8

Depois de identificar junto com os alunos as marcas da narrativa da lenda do Curupira. O professor apresenta a lenda do Kanoê em forma de *flip book*. Pergunta aos alunos se conseguem identificar alguma semelhança e diferença em relação às outras lendas que foram contadas. Ao apresentar a lenda do Kanoê pelo *flip book*, professor e alunos passam a identificar e relacionar as lendas com os aspectos culturais, identitários do povo da Amazônia. Que essas narrativas misturam realidade e fantasia, mas, no imaginário do povo, por mais que fantástico que seja, acredita-se que esses seres habitam a floresta. Em seguida, pedir que folheiem o *flip book* e o coloque em forma de animação. Solicitar que vejam como o gênero lenda foi trabalhado e pergunta se na versão animada é possível compreender como se encontra organizada a lenda.

Figura 6 - Lenda do Kanoê – *Flip book*



*Flip book elaborado pelo autor e detalhado no Apêndice 1**



Pedir aos alunos que façam o registro escrito do que conseguiram identificar de semelhança e de diferença entre as lendas e como elas podem se relacionar com a lenda do Kanoê.

3.1.3 A rede didática e a concepção crítica

Sempre retomando o conteúdo anterior, os alunos começam explicando as diferenças e semelhanças entre as lendas, como se relacionam com a lenda do Kanoê, além de tirarem as dúvidas. Com esse percurso, quarto encontro diz respeito à concepção crítica, que visa auxiliar os alunos no desenvolvimento de uma criticidade em compreender o valor de manter viva a cultura de um povo, os costumes e as lendas por serem fundamentais na constituição social e histórica do povo brasileiro. As atividades precisam contemplar esses aspectos.

3.1.3.1 Atividade 9

Considerando o *flip book* apresentado pelo professor, os alunos comentam em libras, o porquê das outras lendas – **Curupira, Iara, Boto, Caipora** – *entram na lenda do Kanoê?*

- a) Qual a importância do Kanoê para as demais lendas?
- b) Por que o índio Kanoê foi escolhido pelos demais personagens das outras lendas?
- c) Que valor tem para a constituição cultural e identitária dos povos da Amazônia?

3.1.3.2 Atividade 10

Mediante algumas pesquisas e, de acordo com Jenniffer Borges, do Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina (MIS/SC), o *flip book* foi criado ainda no século XIX, por Linnet, como um projeto do que viria a ser os filmes e outros conteúdos a partir de desenhos em movimento. O conceito é derivado de uma sobreposição de imagens e desenhos que, colocadas uma após a outra, representa o movimento e conta uma breve história. Também conhecido como folioscópio, esse princípio até os dias atuais é aplicado para outras formas de animação. Jenniffer destaca que essa mágica revela uma “persistência da visão”, que faz com que nossos olhos e cérebro mesquem as imagens que passam uma após a outra e compreenda o que está sendo apresentado.

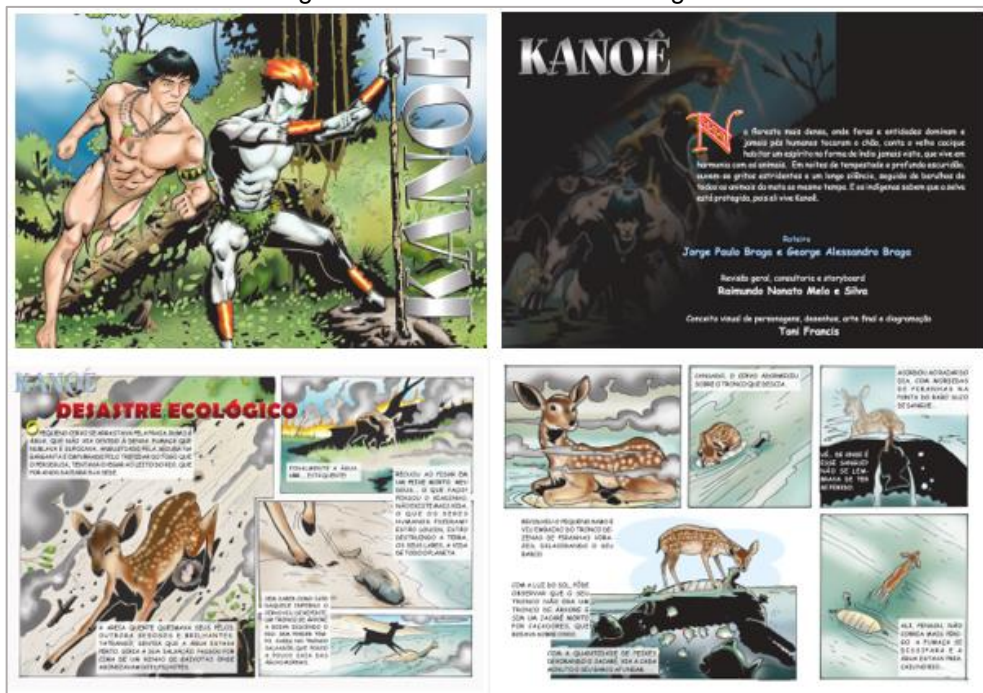
Assim, para fazer um *flip book* são necessários dois materiais fundamentais: um caderno (post-it, bloco de notas, livro usado etc.) e um lápis ou caneta. Claro que se pode usar da criatividade, da imaginação e utilizar vários outros recursos. Agora, reflita e comente com seu colega em Libras:

- a) Vocês conheciam o *flip book*? O que acharam?
- b) A lenda do Kanoê apresentada pelo *flip book* apresentou a narrativa adequadamente?
- c) Os outros personagens que se relacionam com o Kanoê foram apresentados pelo *flip book*? Foi possível compreender?
- d) No *flip book* você encontra os elementos narrativos presentes na lenda do Kanoê: **o que, quem, como, quando, onde e por quê?** Justifique?
- e) Quais recursos semióticos foram utilizados para fazer o *flip book*? Poderia ter outros? Quais?
- f) Como você contaria a lenda do Kanoê pelo seu próprio *flip book*?

3.1.3.2 Atividade 11

Nas figuras abaixo, temos uma história que preserva a lenda do Kanoê, desenvolvida por Jorge Braga e George Braga, de Rondônia. George Braga é escritor e poeta nascido e criado em Porto Velho. Sua família tem amor pela Amazônia e considera fundamental preservar a história e a cultura da nossa floresta. Vejamos as primeiras páginas.

Figura 7 - Kanoê: Desastre Ecológico




Fonte: George Braga Livros

3.1.3.2 Atividade 12

Na história redigida por Jorge Paulo Braga e George Alessandro Braga, eles desenvolveram uma história em quadrinhos para contar uma das ações do Kanoê. Diante do que estamos estudando sobre lendas, você consegue perceber alguma semelhança entre as lendas estudadas e, em especial a lenda de Kanoê, com a história em quadrinhos? Quais?

Pedir aos alunos que façam grupos e organizem uma história, bem como o material necessário para a confecção do próprio flip book da lenda do Kanoê.



3.1.4 A rede didática e a prática transformadora

Agora é a vez de consolidarmos a rede didática apresentadas na forma de oficinas na sala de aula e em casa. A prática transformadora é uma prática refletida, crítica de todos os processos desenvolvidos durante a apresentação do gênero discursivo. Uma retomada nos aspectos principais em que o estudante vai colocar a sua prática transformadora, ressignificando a aprendizagem e tornando-se agente do próprio conhecimento.

3.1.4.1 Atividade 13

Considerando a relação que a lenda do Kanoê apresenta com as outras lendas amazônicas. Nas imagens abaixo, relacione as lendas amazônicas com a cultura e a identidade indígena.

Figura 8 - Os seres da Amazônia



Fonte: Blog da Ana Carolina: Pedagoga Surda

3.1.4.2 Atividade 14

Com os grupos previamente organizados, juntarem-se e, semelhante ao que foi proposto pelos escritores rondonienses, criar um *flip book* contando uma aventura do herói da Amazônia: o índio Kanoê.

Figura 9 - Kanoê e a prática transformadora

Fonte Collaborations GIFs²

3.1.4.2 Atividade 15

Com tudo pronto, organizar uma apresentação para os colegas (e para a escola, por exemplo, na hora do intervalo) para mostrar os *flip books* desenvolvidos e tratar da temática lenda. Nas apresentações, os estudantes, em libras, podem mostrar como a atividade foi organizada e o que aprenderam sobre o gênero discursivo lenda. Também, podem incentivar os demais colegas a se tornarem agentes do próprio conhecimento, como prática transformadora.

Figura 10 - vídeo animado



Fonte: YouTube: Lenda do Kanoê Flip book.

² Imagem das pessoas conversando retirado do Collaborations GIFs. Disponível em: <https://gifer.com/en/7Gbu>. Acesso: 20 mai. 2022.

4 CONCLUSÃO

Ao finalizar esse trabalho, concluímos que as atividades desenvolvidas trazem contribuições a partir de uma ação baseada numa proposta de ensino multimodal, agregando o uso do *Flip Book em Libras* no ambiente escolar para alunos surdos do Ensino Fundamental II, apresentando a Lenda do Kanoê. Foi fundamental para o desenvolvimento desse trabalho estudos voltado para o ensino bilíngue, pois a partir da compreensão sobre o assunto conseguimos associar o ensino de Libras como L1 e ensino de português como L2, adaptando a lenda do Kanoê e produzindo atividades tanto na forma presencial, quanto virtual para o melhor aprendizado dos alunos, e alinhados com o momento educacional que visa articular as práticas de linguagens diversas, inclusive com os usos das tecnologias.

Mediante a necessidade de termos materiais didáticos para auxiliar o docente em ensinar português L2 para alunos surdos, esperamos ter contribuído com uma proposta de rede didática articulada com os mais diversos recursos semióticos. Acreditamos que, assim como sugerimos a utilização do *Flip Book* do Gênero Lenda do Kanoê, é possível pensar em inúmeras estratégias de ensino que articulem o ensino de libras para surdos e contribui, significativamente, para a aprendizagem dos educandos brasileiros.

A proposta didática baseou-se em organizar oficinas por meio de uma rede didática pensada a partir dos multiletramentos. Escolhemos o gênero discursivo Lenda e pensamos em apresentar um herói diferente e pouco estudado na Amazônia, o índio Kanoê, que significa “aquele que veio do barro” e faz parte da Região Norte. O nosso objetivo foi expor os demais aspectos culturais e identitários do folclore brasileiro, despertando a curiosidade dos alunos em aprender parte da cultura de nosso país. Como instrumento para consolidar a aprendizagem pensamos no *Flip Book*, também pouco visto nas nossas escolas, mas um instrumento de aprendizagem que permite a livre criação e desperta o interesse em saber como desenvolver e utilizar, nas diversas práticas e situações comunicativas. Para este trabalho, além de partirmos do desenho e da animação na forma manual, utilizamos o telefone para gravar o flip book em animação e depois publicamos no Canal do YouTube do Grupo Geadel³.

³ Agradecemos ao Geadel - Grupo de Estudos em Análise de Discursos e Ensino de Línguas – por permitir a publicação do nosso *flip book* no seu canal do YouTube.

Não podemos esquecer os aspectos que definem o gênero discursivo lenda e, por estarmos em situação permanente de aprendizagem, nossas oficinas contemplaram os aspectos que organizam a produção de sentidos do gênero lenda, assim como a relação do gênero com as demais histórias que fazem parte do imaginário amazônico, como Iara, Cobra Grande, Boto, Caipora Curupira e, por fim, o Kanoê, escolhido pelos demais seres para proteger a floresta. Para isso, Kanoê é treinado desde a sua infância com o objetivo de proteger a floresta dos perigos criados pelo próprio ser humano. Em seguida, transformamos essa história em *flip book* finalizando com diversas atividades multimodais.

Ressaltamos que aprender gênero discursivo é mais do que aprender forma composicional, estilo e tema, é compreender a linguagem em uso, nas diversas situações comunicativas. É entender que as lendas da Amazônia têm como ponto central a preservação da natureza das mãos destruidoras daqueles que deveriam protegê-la. É resgate e preservação da cultura de um povo que insiste e resiste mesmo com tantas queimadas e destruição. Ensinar o gênero lenda é, também, estimular a criatividade do aluno, é despertar para o senso crítico, para entender como arquitetonicamente o gênero discursivo se configura como aprendizagem. Os alunos a responderem qual nome do personagem destacado na imagem. Ademais, a rede didática organizada em oficinas, dentro e fora do ambiente escolar envolvendo, envolveu mais ainda os alunos com a cultura, com a família e com a própria comunidade.

Por fim, percebe-se que é possível ensinar alunos surdos com os diversos gêneros discursivos, mas para isso, o professor e a escola precisam estar articulados para repensar o ensino escolar e se encontrar aberta para ouvir propostas inovadoras. Além disso, é necessário que mais pessoas estudem essa possibilidade de desenvolver estudos com o *flip book* no âmbito de ensino, pois observa-se ser algo pouco estudado.

REFERÊNCIAS

- APOLINÁRIO, J. C. **Literatura amazônica seus mitos e suas lendas:** Aplicabilidade no ensino de língua portuguesa como valorização cultural e literária. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Português) - Faculdade Metropolitana de Rondônia. 2015. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/literatura-amazonica-seus-mitos-suas-lendas.htm>. Acesso: 7 mai. 2022.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso.** Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas). Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, [1952-1953] 2016.
- BRAGA, J. P.; BRAGA, G. A. **Kanoê:** Edição #01. Disponível em: <https://georgebragalivros.com.br/produto/kano-e-edicao-01/>. Acesso: 7 mai. 2022.
- CANAN, S. **Lendas folclóricas contadas em Libras.** Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=42994>. Acesso: 10 mai. 2022.
- CAROLINA, A. **Folclore em LIBRAS:** alguns sinais do folclore brasileiro. 2011. Disponível em: <https://anacarolinafrank.blogspot.com/2011/08/folclore-em-libras.html>. Acesso: 10 mai. 2022.
- COSTA-HÜBES, T. da C.; ORTEGA, L. R. Reconfiguração do Modelo Didático do Gênero: um diálogo com concepções teóricas bakhtinianas. **Veredas.** Interacionismo Sociodiscursivo. v. 21, n. 3, 2017, p. 91-115.
- CURUPIRA: Folclore A Lenda GIF. **Tenor.** 2017. Disponível em: <https://tenor.com/view/curupira-jungle-run-backwards-gif-10167706>. Acesso: 18 mai. 2022.
- FARACO, C. A. **Português:** língua e cultura. 2. ed. Curitiba: Base Editorial, 2010.
- FRANK, A. C. P. **Folclore em Libras.** Disponível em: <https://anacarolinafrank.blogspot.com/2011/08/folclore-em-libras.html>. Acesso em: 20 mai. 2022.
- FOLCLORE BRASILEIRO: Nomes dos personagens do folclore brasileiro infantil. **Turma do Folclore.** 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cuopLSwRZ6w>. Acesso: 20 mai. 2022.
- HISTÓRIAS EM LIBRAS: A lenda da Mandioca. **TV CES.** 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xZFbXiJr-Q8>. Acesso: 20 mai. 2022.
- KLEIMAN, A. B. O processo de aculturação pela escrita: ensino da forma ou aprendizagem da função? In: KLEIMAN, A.; SIGNORINI, I. (Org.). **O ensino e a formação do professor:** alfabetização de jovens e adultos. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. p. 223-243.

LENDAS DA AMAZÔNIA: Cobra-grande e curupira. **Nova Escola**. 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_6wqqpk_qF4. Acesso: 20 mai. 2022.

MALAMAN, C. **O que é flip book?** Conheça mais sobre o formato e veja como fazer um. Disponível em: <https://quindim.com.br/blog/o-que-e-flip-book-e-como-fazer-um/>. Acesso: 07 mai. 2022.

MANTOVANI, L. **Pedagogia dos Multiletramentos: a que se refere?** Entretanto. 2019. Disponível em: <https://entretantoeducacao.com.br/professor/pedagogia-dos-multiletramentos-a-que-se-refere/>. Acesso: 20 mai. 2022.

OLIVEIRA, G. C. A. **Ações Crítico-Formativas – Formação de Formadores de Língua Portuguesa: Formar para transformar os espaços formativos.** Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.

OLIVEIRA, J. G. de. **Lenda do Kanoê em Flip book.** Canal Grupo Geadel YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I7UjPA4-dvs>. Acesso: 21 mai. 2022.

POZO, A. **Casa Alegre:** gif animado. Disponível em: <https://www.domestika.org/pt/projects/267182-casa-alegre-gif-animado>. Acesso em: 20 mai. 2022.

REDAÇÃO. **Conheça as lendas da Amazônia que mexem com imaginário popular.** Portal da Amazônia. 2021. Disponível em: <https://portalamazonia.com/cultura/conheca-as-lendas-da-amazonia-que-mexem-com-imaginario-popular>. Acesso: 20 mai. 2022.

RODRIGUES, A. L. C. A Complexidade da cultura amazônica e seu reflexo para a organização e representação da informação. **AtoZ**, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 10-25, jan./dez. 2012. Disponível em: <http://www.atoz.ufpr.br>. Acesso em: 10 mai. 2022.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos:** escola e inclusão social. São Paulo: Parábola, 2009.

ROJO, R; MOURA, E. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola, 2012.

ROJO, R. A teoria dos gêneros discursivos do Círculo de Bakhtin e os multiletramentos. In: ROJO, R. (Org.). **Escol@ Conectada: os Multiletramentos e as TICs.** São Paulo: Parábola Editorial. 2013. p. 7-32.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos.** São Paulo: Parábola, 2015.

ROJO, R; MOURA, E. **Letramentos, mídias, linguagens.** São Paulo: Parábola, 2019.

SILVA *et al.* Proposta curricular para o ensino de português escrito como segunda língua para estudantes surdos da educação básica e do ensino superior [livro

eletrônico]: **Caderno III: Ensino Fundamental (anos finais)**. Brasília: Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação: DIPEBS/SEMESP/MEC. 2021.

SILVA, K. A. da. **Surdez, bilinguismo e inclusão nas escolas públicas do Distrito Federal**: entre o dito, o pretendido e o feito. Disponível em: <https://www.finatec.org.br/projeto/surdez-bilinguismo-inclusao-nas-escolas-publicas-distrito-federal-dito-pretendido-feito/>. Acesso: 15 mai. 2022.

SOUZA, L. A linguagem e seus efeitos na constituição do sujeito. **Anais do III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade (III SIDIS)**: dilemas e desafios na contemporaneidade. 2012. Disponível em: https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/SOUZA_ELIZANDRA.pdf. Acesso: 7 mai. 2022.

SME NOVA FRIBURGO. **Dicas para estudar em casa**. Disponível em: <https://smenf.wordpress.com/2020/04/06/dicas-para-estudar-em-casa/>. Acesso: 20 mai. 2022.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, [1929] 2017.

APÊNDICE

O *flip book* – **Lenda do Kanoê** se encontra disponível para consulta na Coordenação do Curso de Letras Libras, da Universidade Federal do Acre – UFAC.



Material produzido por Julianderson Gonçalves de Oliveira